



MEMÓRIAS AUTOBIOGRÁFICAS: NARRATIVAS ENVIESADAS ATRAVÉS DA PINTURA

AUTOBIOGRAPHIC MEMORIES: BIASED NARRATIVES THROUGH PAINTING

Ana Julia Dotto Guaragniⁱ

UFSM

Karine Gomes Perez Vieiraⁱⁱ

UFSM

RESUMO

A partir de fotografias encontradas em álbuns de família, esta pesquisa em poéticas visuais buscou ressignificar memórias do passado, misturando tempos e espaços diferentes, bem como o imaginário presente, em uma mesma composição pictórica. Ao mesmo tempo em que procura conhecer histórias passadas através das fotografias, de forma a aproximar sujeito e memória, este trabalho possibilita o surgimento de outras narrativas a partir de imagens criadas por meio da pintura. Para tanto, o conceito de poética (Sandra Rey, 1996) foi estudado, considerando-se os acasos que entrecruzam a prática, ao entender a criação como um processo dinâmico e inacabado. Assim, durante o processo criativo, realidade e ficção se entrelaçaram por meio da montagem em composições pictóricas.

PALAVRAS-CHAVE

Memórias autobiográficas. Narrativas enviesadas. Processos pictóricos.

ABSTRACT

Based on photographs found in family albums, this research into visual poetics sought to give new meanings to memories of the past, mixing different times and spaces, as well as the present imaginary, in the same pictorial composition. At the same time that it search to understand past stories through photographs, approaching subject and memory, this work allows the emergence of other narratives from images created through painting. To this end, the concept of poetics (Sandra Rey, 1996) were studied, considering the coincidences that intertwine practice, by understanding creation as a dynamic and unfinished process. Thus, during the creative process, reality and fiction were intertwined through assembly into pictorial compositions.

KEYWORDS

Autobiographical memories. Biased narratives. Pictorial processes.



Introdução

Este artigo, resultante de pesquisa em poéticas visuais, trata sobre o processo criativo de uma série de pinturas, de autoria de Ana Julia Dotto Guaragni, decorrente de seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), desenvolvido no Curso de Graduação em Artes Visuais – Bacharelado, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), orientado por Karine Perez.

Com os olhos voltados ao passado, as memórias da artista permeiam toda a pesquisa. O processo envolveu a seleção de fotografias de família, a maioria registradas na sua infância por pessoas próximas, para a construção de uma série de pinturas em tinta acrílica, tentando juntar dois contextos distintos, em uma mesma composição pictórica: o imaginário presente e fragmentos deixados por imagens passadas, os quais possibilitaram a ressignificação das suas próprias memórias, de maneira a conectar temporalidades e espacialidades diferentes, buscando criar pinturas que sugerem incógnitas ou estranheza, pela mistura de cada fragmento passado.

Sendo assim, aventura-se a buscar memórias passadas quem ainda acredita que a conservação do tempo passado não está relacionada somente à velhice. É fato que os velhos costumam ser vistos como guardiões da cultura passada, além de lembrarem e aconselharem os novos na tentativa de prepará-los para o futuro, mas e os adultos? Eles têm tempo para pensar na sua infância e juventude ou estão atordoados e ocupados demais com a pressão que o mundo globalizado, econômico e da informação coloca diante deles? Para muitos idosos, é um desafio estar inseridos em uma sociedade capitalista e ao mesmo tempo encontrar ouvidos atentos a escutar suas lembranças. Percebemos que a escuta pode se tornar um ato de grande importância para eles, pois são alguns dos momentos dentre os quais se sentem valorizados, contando histórias passadas da vida cotidiana. Por exemplo, o avô da artista tem grande apreço por conversar sobre o passado. Ele recentemente foi diagnosticado com a Doença de Alzheimer (DA), a qual é um transtorno que se apresenta através da deterioração cognitiva da memória, não se recordando tão facilmente, em determinados momentos, de situações ocorridas horas antes, mas tendo lembranças de histórias de quando sua neta ainda era criança, estas que nem ela mesma se recorda. Assim, na maior parte das suas conversas, o avô dialoga sobre



histórias vividas por ele, muitas de quando ainda era criança, recordando muito seu passado. Todos estes acontecimentos motivaram o desenvolvimento da presente pesquisa sobre memórias autobiográficas.

Além disso, houve o encontro com o livro “Memória e sociedade: lembranças de velhos”, de Ecléa Bosi, o qual também atçou uma reflexão acerca da memória, da lembrança e do esquecimento. Num trecho do livro, ela diz: “uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito. Sem o trabalho da reflexão e da localização, ela seria uma imagem fugidia” (BOSI, 2023, p. 84). Portanto, surge a questão: se não investigássemos a fundo uma lembrança, ela desapareceria, e o que seria de nós sem conhecer nossa própria história? Onde caberia nossa identidade no presente se não houvesse procura pelo passado?

Com base nesses questionamentos, o percurso investigativo vai ao encontro de registros fotográficos deixados em álbuns de família, buscando conhecer e refletir sobre o passado, através das imagens e também das narrativas orais de pessoas próximas (de modo a ressignificar a identidade da autora a partir do imaginário presente), bem como possibilitando brincar de embaralhar memórias, com o propósito de criar outras narrativas possíveis: “narrativas enviesadas” (CANTON, 2009).

Fragmentos do passado: memórias de outros e reconstruções de si

Memória, lembrança e esquecimento são termos recorrentes nesta pesquisa. A conceituação de memória pode ser compreendida em dois sentidos “tanto como substantivo (lembrança, reminiscência) quanto na sua acepção verbal, quer dizer, como ação do indivíduo (lembrar, recordar, reter informações)” (FÉLIX, 2002, p. 112). Esta é uma temática complexa, cheia de tramas a serem desvendadas, pois diz respeito não só à natureza e à identidade de cada um, mas também à sociedade.

Apesar disso, memórias autobiográficas são trazidas para esta pesquisa em poéticas visuais, dedicando-se a passar por obstáculos que a busca pelo passado coloca no caminho e aceitando os acasos ocorridos por conta da imprevisibilidade de lembrar. Ecléa Bosi (2023), a partir dos estudos de Henri Bergson, explica a distinção entre memória-hábito e lembranças. Cada indivíduo apresenta os dois; a memória-hábito tem relação com a repetição de gestos ou palavras, a qual se torna um hábito quando



é “decorada” no dia a dia, já as lembranças não dependem de exercícios de fixação, mas surgem em momentos únicos, cuja memória é evocada inconscientemente.

As lembranças surgem a partir de objetos, sensações ou percepções, ideias ou associações, bem como pelos sentidos. Somos convidados a lembrar através dos outros. Por isso, buscar por fotografias e histórias familiares, para ir ao encontro da geração passada. As fotografias atuaram como testemunhos, fragmentos do tempo que familiares decidiram conservar para confirmar acontecimentos passados; elas atuaram também como objetos da memória, capazes de perpassar gerações para ganharem outros significados, quando transmutadas à linguagem da pintura.

Nesta pesquisa, considera-se tudo o que é deixado pelos mais velhos, palpável ou não, como evidência de que um fato aconteceu. Através dessa comprovação, apresentam-se junto as normas sociais, as tradições e os valores de um grupo de indivíduos, permitindo “contrapor referenciais já existentes, unir informações dispersas, valorizar o vivido, conservar, criticar e socializar formas do pensado passado” (TEDESCO, 2002, p. 66), desafiando o tempo de hoje. Assim, as lembranças trazidas pelos “mais velhos”, enriquecem o repertório da artista, que por sua vez oferece ao expectador narrativas carregadas de um imaginário construído na interrelação entre passado e presente.

Sua mãe sempre registrou momentos da vida cotidiana com uma câmera analógica, agregando narrativas orais enquanto contava histórias com as imagens. São essas histórias que complementam imagens e vice-versa. Ir em busca destas lembranças possibilitou um encontro com um conjunto de representações, criadas a partir do presente, incrementadas de individualidades e afetadas pelo contexto histórico.

Quando Pierre Nora (1993) afirma que existe uma economia do passado no presente, ele trata de uma reconstrução, relacionada com o que é interessante para cada sujeito no momento presente e na realidade de cada um. Em consonância com essa ideia, Joël Candau (2012), em seu livro “Memória e identidade”, explica isso, através do conceito de “metamemória”, que se difere da memória propriamente dita. Para ele, a metamemória é uma representação do passado do indivíduo, tomando como sua memória narrativas de outros, de modo a reconstruí-las com novas imagens.



Em busca da construção da sua metamemória, a artista foi ao encontro de uma caixa repleta de álbuns de família, guardados por sua mãe, bem como de outras fotografias que estavam na casa dos seus avós. Levou em consideração a existência de narrativas omissas por detrás das imagens estáticas, as quais muitas vezes são inacessíveis para quem as vê, pois fazem parte de outra realidade, a qual carrega uma memória de determinado contexto histórico em um espaço e tempo que não o de agora. Logo, a interpretação de cada fotografia encontrada, tem a ver com os mecanismos internos da produção e recepção das imagens, elucidado por Kossoy (2002), onde na construção, o fotógrafo é o agente criador e na interpretação os diferentes receptores se baseiam em seu próprio imaginário, agindo também como criadores de sentido. Isso se dá porque a fotografia não é só a aparência, ela é um novo real idealizado por quem a vê. Portanto, nessa pesquisa, o repertório cultural da artista impõe filtros ao selecionar imagens de família passadas, envolvendo escolhas interferidas pelas suas concepções de vida. Isso acontece porque “a realidade passada é fixa, imutável, irreversível” (KOSSOY, 2002, p. 47), e a realidade da fotografia, apesar de também ser fixa e imutável, oferece diversas possibilidades de interpretação. Em razão disto, Boris Kossoy afirma que a realidade da fotografia é “documental, porém imaginária” (KOSSOY, 2002, p. 48).

Narrativas, espaço e tempo: adentrando ao processo criativo

Para pesquisar sobre a memória, é imprescindível compreender noções de tempo e espaço na contemporaneidade globalizada. Segundo Canton:

O tempo contemporâneo surge como um elemento que perfura o espaço, substituindo a sensação de objetivação cronológica por uma circularidade plena de instabilidade. Turbulento, esse tempo parece fugaz e raso. Retira as espessuras das experiências que vivemos no mundo, afetando inexoravelmente nossas noções de história, de memória, de pertencimento. (CANTON, 2009, p. 20)

Logo, temos uma realidade aparentemente instantânea, em que o passado, o presente e o futuro não são fixados ou divididos, com frequência se confundindo e assim gerando um sentimento de perda da ordem temporal. A autora afirma que “O grande perigo desse tempo raso é justamente a falta de espessura, a sensação de atemporalidade e de que, no lugar de um processo de deslocamento, existe apenas o agora”. (CANTON, 2009, p.20) A partir dessas palavras, percebemos que o



pertencimento social vai decaindo à medida que somos “bombardeados” por informações do cotidiano, que dispersam o tempo e criam apenas um momento: o aqui e agora. Canton (2009), afirma que devido às ameaças dos excessos de informações, somos levados ao esquecimento dos lugares afetivos do passado, principalmente dos lugares em que vivemos a infância.

Nesse sentido, trabalhar a produção artística a partir de memórias passadas é reorganizar a existência, trazer valores, sensações e afetos, para encontrar elementos que se perderam sem se notar. O juntar desses elementos (presentes em imagens feitas em espacialidades e temporalidades diferentes), compacta e “diminui” as informações trazidas e, para isso acontecer, jogar com a justaposição e sobreposição é preciso, de modo a “brincar” com as imagens que existem num âmbito individual, para ofertá-las ao olhar do outro. Este tempo de encontro entre passado e presente permite a criação de novas realidades: inúmeras possibilidades de narrativas que se entrelaçam para recriar histórias.

Para exemplificar o que a artista propôs nesta pesquisa em poéticas visuais, apresenta-se a primeira pintura desenvolvida (Imagem 1). Sua composição foi criada, juntando duas fotografias diferentes de seu álbum de família na mesma composição pictórica. Observando-se a imagem, as figuras retratadas parecem ser irmãos gêmeos, mas são duas representações enviesadas da mesma pessoa, no caso a artista, que podem desencadear uma incógnita no espectador.

A autora Katia Canton propõe o conceito “narrativas enviesadas” como maneira de contar histórias sem começo, meio e fim. Traz-se aqui o conceito pela possibilidade de relacioná-lo à pintura, pois nas palavras de Canton, “desestabilizam nossas compreensões da vida e injetam sutilezas, incertezas, sons que se re combinam e formam camadas, ainda que se estranhem mutuamente” (CANTON, 2014, p. 90).



Imagem 1. Daninha, 2022. Pintura acrílica sobre tela, 25cm X 25cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.

Com o propósito de misturar arte e vida, são trazidas para o meio artístico questões do cotidiano, de maneira a provocar pensamentos ou talvez ressurgir sentimentos através do olhar. As fotografias dos álbuns de família, que aparentemente já estão dadas, frequentemente são tratadas como óbvias. Por isto, nesta produção poética, uma fotografia é mesclada com a outra, misturando temporalidades e espacialidades diferentes, a fim de encontrar novas possibilidades de pensamento, o que demanda um olhar atento para as coisas cotidianas.



Nas pinturas, são misturadas as histórias que as imagens trazem, a fim de formar um todo não linear a partir de fragmentos. Para isto se tornar possível, a artista começa selecionando os materiais, ou seja, as fotografias. Como já abordado anteriormente, para a seleção, as fotografias são colocadas lado a lado, a fim de encontrar um encaixe uma com a outra. Imagens registradas no interior da casa são preferíveis neste processo, pois tendem a retratar objetos repetidos.

Alguns desses objetos que aparecem nas composições são: uma samambaia, que até já encostou a sua ponta no chão e é mais velha que a própria artista; um vaso de flor com flores artificiais, que provavelmente se quebrou com o tempo, mas foi decoração da casa na sala, cozinha e quarto; um vestidinho branco com azul e vermelho, usado pela artista em muitas das fotos de infância, a maioria na casa da avó; uma estante de madeira da sala, que era enorme, onde sempre couberam muitos porta-retratos, flores, anjinhos, televisão, CD's e outras decorações.

Após a escolha das fotografias, um pequeno esboço com canetas coloridas é realizado, para colocar uma imagem sobre a outra e decidir como será a posição de encaixe das duas em uma mesma composição. Esta é uma parte mais rápida de fazer, só para localizar as formas e depois passá-las para um esboço maior, onde é utilizado o grafite para desenhar em suportes variados, como: papel, tela e madeira. Por último, ocorre a pintura, parte mais demorada do processo, porém mais agradável, onde as fotografias são utilizadas como referências, mas se tenta encontrar soluções cromáticas vivas, não tão realistas, a partir da mistura de cores com a tinta acrílica.

Todos esses procedimentos foram revelados por esta pesquisa em Poéticas Visuais levar em conta conceitos teóricos voltados à poética, a qual segundo Sandra Rey (1996), prevê os meios, as técnicas, os procedimentos, os materiais e as ferramentas como elementos passíveis de acasos, decorrentes do processo artístico. Nesse sentido, o que acontece no meio do processo criativo é levado em conta para a construção da pesquisa, de maneira a vincular a ela conceitos operatórios e referenciais teóricos.

Por meio dos procedimentos descritos, uma série de pinturas foi produzida, podendo ser relacionada às palavras de Canton (2009), quando afirma que tentamos sempre



encontrar numa obra de arte uma resolução, e quando não há respostas, ficamos cara a cara com o estranhamento. As pinturas, que misturam tempos e espaços diferentes, nesta pesquisa, não buscam encontrar um resultado ou uma verdade, mas sim estranhar a partir de repetições e sobreposições de imagens fotográficas, o que possibilita relacioná-las ao conceito de narrativas enviesadas de Katia Canton (2009), quando afirma: “no lugar do começo-meio-fim tradicional, elas se compõem a partir de tempos fragmentados, sobreposições, repetições, deslocamentos” (CANTON, 2009, p. 15). Nesse sentido, as narrativas enviesadas narram uma história sem linearidade, colocando ao próprio receptor a possibilidade de interpretação e de resolução de um problema visual. Trazer para a pintura, juntas em uma mesma composição, imagens de diferentes situações passadas, abre espaço para a criação de outras narrativas, deixando a percepção de quem vê associar as pinturas com suas memórias, transformando o contar histórias cotidianas por meio de imagens em “um jeito de se aproximar do outro e, na troca entre ambos, de gerar sentido em si e nesse outro” (CANTON, 2009, p. 37).

Abaixo (Imagem 2), apresentamos outra pintura da série, que possibilita múltiplas interpretações, onde são retratadas duas personagens as quais representam a artista em tempos e espaços distintos e com idades diferentes.



Imagem 2. Vô e vó, 2023. Pintura acrílica sobre madeira, 19cm X 37cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.



O que se vê na nova imagem criada não apresenta um sentido fechado em si, isto porque tempo, memória, espaço e identidade são questões do cotidiano, que querendo ou não geram reflexão. Nas pinturas, personagens são confundidos, aparecem mais de uma vez, assim como é possível de ver as mesmas roupas usadas em tempos diferentes. Estranhamento pode ser uma palavra que as descreve.

Fotografia e pintura: entre realismo e ficção

Quando a imagem é conduzida para outro modo de percepção, o da ficção, fica evidente a ilusão produzida pela arte, passível de ser comparada com a literatura nas fábulas de livros infantis, carregada de imaginação. A imagem pode se completar esteticamente, mesmo não se encontrando resquícios de realidade nela. Há ainda a possibilidade de uma imagem conter traços do real, porém ter características ficcionais, que é o caso da produção artística desenvolvida nesta pesquisa.

Ressaltamos que a pintura, além de ter a capacidade de se completar com traços da realidade, quando se alicerça na fotografia, pode também abarcar a ironia na composição, ao jogar com tempos e espaços diferentes e, assim, trabalhar com a ficção, deixando de lado a representação fidedigna da realidade. Ao mesmo tempo em que se busca, no trabalho, as memórias em documentos (registros fotográficos de álbuns de família) e testemunhas (histórias contadas por familiares), em que a aparência de verdade se mostra presente, encontra-se a ilusão, onde o observador é envolvido numa trama ficcional. Por exemplo, na composição pictórica abaixo (Imagem 3), em que foram juntadas duas fotografias registradas por familiares da artista na cozinha de avó, em que ela ainda criança utiliza o mesmo vestido do primeiro trabalho que compõe a série, ou a Imagem 4 que possui um mesmo personagem representado na Imagem 3, bem como os mesmos azulejos das paredes e o mesmo piso do cômodo retratado, porém em ângulo diferente.



Imagem 3. Anas, 2022. Pintura acrílica sobre papel, 30cm X 42cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.

Valoriza-se, então, o presente a partir de memórias passadas, criando narrativas enviesadas que recorrem à cor para inventar um outro ambiente pictórico, este que Giannotti descreve como um “campo de experiência, um espaço existencial; não cabe mais ao artista descrever um mundo dado, mas transformá-lo a cada instante. A percepção não deve ser mais contemplativa, e sim ativa” (GIANNOTTI, 2009, p. 32). O autor descreve, assim, o fato de que a aparência já não basta para a pintura, o que pode esgotá-la em si mesma, e indica o apoio em outras questões, para refletirmos sobre a pintura, podendo envolver mistérios dados pelo pintor para serem decifrados



pelos espectadores. Percebe-se, o quão importante é o observador nas obras contemporâneas, uma vez que ele adentra às múltiplas narrativas da pintura.



Imagem 4. Cadê o meu primo comendo cenoura na caixa da lenha?, 2023. Pintura acrílica sobre tela, 30cm X 40cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.

A criação de uma nova realidade, aqui falando de pintura, deixa o tempo cronológico de lado, preocupando-se em articular tempos e espaços diferentes para dar um novo sentido às imagens. Isso porque, a arte contemporânea coloca em xeque a pura representação do real e a valorização da aparência, em especial na pintura, a qual nem sempre cria imagens novas e originais, mas modifica as já existentes no mundo real. Este é o caso da pintura a seguir (Imagem 5), onde a mulher retratada é a mãe



da artista, grávida da mesma, enquanto ela, ainda criança, aparece ao lado da mãe que a gesta em seu ventre.



Imagem 5. Apartamento na mesma rua, 2023. Pintura acrílica sobre tela, 25cm X 25cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.

Nas pinturas, os mesmos sujeitos são colocados lado a lado, bem como registros de tempos diferentes, o que possibilita a criação de um enigma, quem sabe até de uma ilusão, utilizando da cor, da luz e sombra e de texturas, ou seja, de elementos da linguagem visual, para apresentar uma outra realidade, em que a imaginação se torna possível. Assim, as memórias que foram materializadas pela pintura geram atrito com a realidade do mundo: como um mesmo indivíduo pode estar presente na mesma imagem? A série é repleta de discordâncias, inúmeras incógnitas que podem ser criadas, possibilitando diversas narrativas.



Partir das fotografias para elaborar uma pintura é um processo revelador, porque já se tem realidades pré-estabelecidas, não se pinta a partir do que é enxergado na realidade, mas sim de registros de outros. Gerar estes cruzamentos na pintura, entre realidades vividas, registradas por meio da foto e narradas oralmente, permite reviver narrativas passadas, entrelaçando uma história na outra e (des)construindo imagens.

Muitas das pinturas realizadas nesta pesquisa apresentam uma característica que é da própria imagem: a de mostrar e esconder, tal como expressa Didi-Huberman: “é uma imagem que me interrompe, me interpela, uma imagem que me deixa confuso, privando-me momentaneamente de meus recursos, faz-me perder o chão” (DIDI-HUBERMAN, 2015, p.131). A imagem, nesta pesquisa, toma sempre estes dois rumos: o de reconstrução ou o de dispersão, dada através da descontinuidade que as imagens, principalmente as fotografias de álbuns de família possibilitam. Elas podem trazer narrativas novas, por conta da fragmentação destas diversas visualidades quando juntadas, além de se somar à conduta do não se saber tudo a respeito do próprio passado. Assim, apresentamos outras pinturas criadas que compõem a série (Imagem 6, 7 e 8):



Imagem 6. Que sol forte!, 2023. Pintura acrílica sobre tela, 20cm X 20cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.



Imagem 7. Honda ML, 2023. Pintura acrílica sobre tela, 25cm X 25cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.



Imagem 8. Cuidado, o Loro está solto, 2023. Pintura acrílica sobre tela, 20cm X 20cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.



A estante, que esteve por diversos anos na sala de casa da artista, aparece novamente na última pintura que encerra a série, Imagem 10. Esta é a maior pintura entre elas, porque representa a grande estante presente em diversas fotografias do álbum de família. Elementos que aparecem na estante em diversas imagens são enviesados e colocados na composição. Por fim, a pintura (Imagem 9), feita sobre papel, foi emoldurada numa madeira com o mesmo tom marrom escuro da estante.



Imagem 9. Na maior estante cabe todas as memórias, 2023. Pintura acrílica sobre papel, 67cm X 97cm. Pintura: Ana Julia Dotto Guaragni.



Considerações finais

O tema pesquisado é complexo, pois existem diversas vertentes, dentro do tema da memória. Aqui, optou-se apenas por um dos caminhos para investigá-la: fotografias e narrativas sobre memórias autobiográficas, para compreender a história passada e reconstruí-la no presente.

Os materiais bibliográficos, que compuseram este trabalho, trouxeram potência para a produção plástica da série de pinturas, em que a artista compreende parte do seu passado a partir do presente, de modo a ressignificar sua identidade, ao selecionar memórias que deseja carregar consigo.

Dentre os questionamentos apresentados no começo desta investigação, destacam-se: como contextualizar nossos retratos fotográficos no dia de hoje se não nos lembramos do momento representado em determinada imagem? Como é possível existir uma fotografia de um indivíduo realizando uma ação em que o mesmo não se recorda? E a maior surpresa da pesquisa foi a compreensão de que o esquecimento do passado tem sua contribuição, pois a partir dele foi possível reinventar a memória e então gerar a metamemória. Os desencontros e encontros com o passado tornaram o enviesar das narrativas possíveis. Referimo-nos aos desencontros porque, dentro da contemporaneidade, pesquisar sobre o passado é andar na contracorrente deste tempo que valoriza o agora, permitindo que ações cotidianas caiam no esquecimento. Quando nos referimos aos encontros, tratamos da potencialidade de escutar, entender e recriar o passado. São diversas as histórias que podemos encontrar nas fotografias de família, as quais alteraram o rumo de sua natureza dentro da pesquisa, no encontro umas com as outras. Antes disso, eram dadas apenas como fragmentos e vestígios da realidade, os quais não compreendem a totalidade de uma memória.

As fotografias de álbum de família nos apresentaram narrativas para enviesar, não havendo um ponto final ou um fechamento quando ocorre o enviesar. As histórias, bem como as fotografias, permanecerão sempre abertas a múltiplas interpretações. É como se as histórias não dependessem mais somente dos seus significados particulares e conceitos únicos, mas passassem a se abrir às circunstâncias nas quais



estão inseridas, ou seja, dependessem de qual narrativa vai enviesar com qual, havendo sempre como despertar algo novo a partir de “coisas velhas”.

Dentre os motivos da escolha da temática da memória para os trabalhos, como mencionado, destaca-se a sensibilidade do tema que foi descoberto através de bibliografias e do diagnóstico de Alzheimer do avô da artista, que ao mesmo tempo afeta e desperta curiosidade e o interesse sobre os desdobramentos que uma produção plástica sobre a sua trajetória poderia fazer acontecer.

A procura pelo passado foi uma forma de trazer a imaginação à tona, desmontando, relacionando, criando afinidades entre os fatos e as visualidades; algo que se assemelha ao ato de brincar, ao convergir a um desmontar para conhecer. Quando uma criança brinca, ela sacode, bate, joga, quebra, explora um objeto das mais diversas maneiras, o que se aproxima do processo da artista ao manipular suas memórias passadas, dadas pelas fotografias, jogando com o presente e enviesando-o com o passado. Assim, o enviesar implicou na desconstrução do que é visto na foto, enquanto que a pintura permitiu a construção e a ressignificação de realidades vividas.

Referências

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: Lembrança dos velhos**. 20ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

CANDAU, Joël. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.

CANTON, Katia. **Narrativas enviesadas**. Coleção temas da arte contemporânea. São Paulo: Editora WMF, Martins Fontes, 2009.

_____. **Narrativas enviesadas**: Roland Barthes, a arte contemporânea e os contos de fadas. São Paulo: Biblioteca Digital da Produção Intelectual – BDPI, Universidade de São Paulo, 2014, p. 89 - 101.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Diante do tempo**: História da arte e anacronismo das imagens. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

FÉLIX, Loiva Otero. **Política, memória e esquecimento**. In: TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de memórias. Passo Fundo: UPF, 2002.

GIANNOTTI, Marco. **Breve história da pintura contemporânea**. São Paulo: Claridade, 2009.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3ª edição. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.



NORA, Pierre. **Entre a memória e a história:** a pluralidade dos lugares. Projeto História, n. 10, 1993.

REY, Sandra. **Da prática à teoria:** três instâncias metodológicas sobre a pesquisa em poéticas visuais. Porto Arte. V.7, n.13, p. 81-95, 1996.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ficção e imagem, verdade e história:** sobre a poética dos rastros. In: GERALDO, Sheila Cabo. Fronteiras: arte, imagem e história. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2014, p. 91-124.

TEDESCO, João Carlos. **Re(vi)vendo o ontem no tempo e no espaço “dos de hoje”.** In: In: TEDESCO, João Carlos (org.). Usos de memórias. Passo Fundo: UPF, 2002.

Notas

ⁱ Mestranda em Artes Visuais no PPGART/UFSM. Integrante do Grupo de Pesquisa AVEC – Artes Visuais e Criatividade e do GPICTO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: anajuliadg@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8292-251>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6877406314554318>.

ⁱⁱ Professora no PPGART/UFSM e no Departamento de Artes Visuais, CAL/UFSM. Líder do GPICTO – Grupo de Pesquisa Processos Pictóricos (CNPQ/UFSM). Doutora em Poéticas Visuais pelo PPGAV/UFRGS, com período sanduíche na *Universitat Politècnica de València* (Espanha), pelo PDSE/CAPES. Mestre em Artes Visuais pelo PPGART/UFSM. Graduada em Desenho e Plástica - Bacharelado e Licenciatura Plena pela UFSM. E-mail: karine.g.perez-vieira@ufsm.br. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/9501215584535818>.